



O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA E A FORMAÇÃO CIDADÃ: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID

Mateus Carlos Gomes Bezerra¹
Gabriela Moura Farias²
Patricia Cristina De Aragão³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os ensinamentos da obra “O perigo de uma história única” (2019), de Chimamanda Ngozi Adichie, nas práticas formativas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em turmas de 6º e do 9º ano, em escolas públicas em Campina Grande, na Paraíba. O perigo de uma história única (2019) é uma obra que contribui para o incentivo à pluralidade cultural nas práticas pedagógicas, com o objetivo de construir uma educação mais crítica e transformadora da realidade. A história única é prejudicial porque cria estereótipos, aumentando as desigualdades sociais e invisibilizando culturas, por isso é necessário desconstruir essas narrativas no cotidiano escolar. Dessa maneira, a experiência com os alunos mostrou que é possível estimular reflexões críticas em sala de aula, respeitando as diferenças e entendendo que existem diferentes histórias no mundo. Nesse sentido, o artigo utiliza as contribuições teóricas de Adichie (2019), Freire (2002), autores que entendem a educação como um espaço crítico, de valorização de diferentes experiências sociais. Dessa maneira, a experiência do PIBID foi essencial para construção de um olhar mais sensível e inclusivo nos alunos, a partir do contato dos estudantes com “O perigo de uma história única” (2019), eles se viram como cidadãos críticos e capazes de reconhecer as diferentes narrativas que constituem a sociedade brasileira. Assim, a experiência contribuiu para reafirmar como a educação pode ser uma ferramenta de combate aos preconceitos sociais e como a escola pode se tornar um espaço de diálogo e transformação.

Palavras-chave: Educação Crítica, PIBID, História Única, Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O ensino de história desempenha um papel central na formação crítica dos estudantes, pois possibilita compreender o passado por meio do diálogo feito com o presente projetando perspectivas para o futuro. O ato de aprender história significa desenvolver a consciência histórica e a capacidade de atribuir sentido às experiências humanas no tempo.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mateus.carlos@aluno.uepb.edu.br.

² Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gabriela.moura.farias@aluno.uepb.edu.br.

³ Professora Orientadora - Docente efetiva do Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br





No entanto, essa aprendizagem somente se efetiva quando múltiplas vozes e narrativas são consideradas evitando a imposição constante de uma história e única versão sobre determinada característica do passado.

Nessa perspectiva, reduzir um povo ou a sua cultura a um estereótipo desumaniza e limita a compreensão da realidade, bem como permanecer com essas narrativas no currículo é uma atitude totalmente elitista e eurocêntrica do saber histórico, silenciando por exemplo, a contribuição e o papel das mulheres, indígenas, africanos, trabalhadores e tantos outros grupos marginalizados. O ato de incorporar diferentes perspectivas, é uma ação da democratização do ensino e do conhecimento histórico.

Este artigo busca discutir e relatar as experiências práticas no cotidiano escolar na disciplina de História, na Educação Básica, especialmente no Ensino Fundamental II - Anos Finais por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e com o subprojeto de História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, em Campina Grande, na Paraíba. Nesta seção, apresentamos a utilização de materiais pedagógicos e literários no ensino de história por meio de aulas dialógicas e atividades práticas como oficinas planejadas e realizadas no contexto escolar.

Assim, esse relato de experiência busca compartilhar de que maneira os alunos da educação básica recebem materiais didáticos específicos para trabalhar temáticas importantes no ensino e no processo de aprendizagem, a partir do que foi desenvolvido em sala alinhado com o uso desses materiais. Essas ações foram promovidas em duas instituições de ensino básico, que são as escolas-campo do programa do PIBID: a ECIT Prefeito Williams de Sousa Arruda, localizada no bairro dos Cuités e na EEEFM Murilo Braga, localizada no bairro da Liberdade, ambas na cidade de Campina Grande, na Paraíba.

Metodologicamente, para discutir temáticas nas aulas de História buscando desenvolver a consciência crítica dos alunos, em nosso ato de planejar buscamos priorizar materiais ricos que pudessem oferecer caminhos para o aprendizado escolar e histórico. Nesse sentido, vamos dialogar com duas turmas do ensino fundamental, o 6º Ano e o 9º Ano, com as quais as nossas experiências foram vivenciadas ao utilizar a obra “O perigo de uma história única” (2019) da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, diretamente ou indiretamente em nossas aulas, oficinas e ações gerais pelo programa.





Em nosso referencial teórico, vamos unificar e dialogar as ideias e os pensamentos de Chimamanda Ngozi Adichie (2019) e Paulo Freire (2002) para aprofundar a descrição das nossas experiências formativas em sala e o processo de aprendizagem significativo dos alunos, bem como explicitar que os pensamentos dos autores regem o nosso cotidiano, o nosso planejamento e a forma como lidamos com as situações sociais e históricas em sua compreensão e capacidade de análise possível.

Ademais, com relação às nossas discussões aos nossos resultados obtidos pela nossa experiência, foram alcançados através de toda discussão em sala e do planejamento dessas aulas e oficinas realizadas posteriormente em sala de aula, com qual buscamos desenvolver no aluno a consciência crítica a respeito dos acontecimentos históricos e o perigo de se propagar versões únicas da história de muitos povos. De modo geral, destacamos a compreensão que se diversifica em ambas as turmas, considerando seu contexto social, pessoal e suas experiências próprias, bem como o seu conhecimento prévio sobre os temas das aulas, compreendendo como recepcionam o modo de pensar sobre culturas e povos.

Por fim, consideramos que todo o nosso trabalho realizado através do planejamento das aulas, das ações propostas pelo PIBID nas escolas-campo, foram de suma importância para nos trazer experiências do cotidiano escolar e nortear a prática docente na articulação entre o ensino de história e a pluralidade cultural e diversificada. Assim, trabalhar esses conceitos de história única e estereótipos com as turmas significa também demonstrar preocupação com a qualidade do ensino da disciplina de história em pleno século XXI, cujo modelo tradicional de ensino ainda permanece nas raízes da educação.

METODOLOGIA

O objetivo primordial que rege a descrição do nosso relato de experiência é discutir como as ideias de Chimamanda em sua obra referida pode nos ajudar a compreender o perigo de se contar e reproduzir uma história única, estereotipada e permeada de preconceitos em escolas e turmas diferentes mas do mesmo ciclo de ensino da educação básica. Outrossim, nossa metodologia está centrada no uso de materiais didáticos como livros, objetos, linguagens e métodos de exposições dialogadas das aulas ministradas, ou seja, sempre buscamos ouvir o que o aluno tem a dizer e os conhecimentos prévios que ele possui, até mesmo pelo fato de que precisamos ministrar aulas de história aproximando a realidade dos alunos ao objetivo da disciplina escolar como um todo.





Nossa abordagem é de cunho qualitativo, cujo caráter descritivo-reflexivo nos permite compreender a dimensão da compreensão e entendimento humano a respeito da construção e desconstrução das narrativas únicas que silenciam narrativas diversas e plurais, por meio do ensino de história, das práticas pedagógicas e das ações promovidas mediante ao contexto do cotidiano escolar da docência como um todo, permeada de experiências e aprendizados mútuos no processo de ensino-aprendizagem.

A discussão sobre o perigo de se reproduzir histórias únicas e com um olhar único sob determinada perspectiva da história e acontecimento histórico foi uma pauta necessária para a desconstrução de estereótipos e preconceitos existentes sobre as múltiplas histórias dos mais diversos povos do mundo, bem como as diversas situações ou características próprias de um povo, seja ela cultural, específica ou de conhecimento ancestral e geracional.

O intuito de se discutir sobre esse tema no ensino fundamental II - anos finais, gira em torno da necessidade de se conhecer a história sem as únicas óticas que põe-se sobre ela e sobre os acontecimentos que dela fazem parte. Foi uma proposta do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, nas escolas-campo, cujo subprojeto está centrado no curso superior de História do campus referido.

Nesse sentido, duas das quatro turmas do Ensino Fundamental II estão contempladas nesse relato a partir da justificativa de que nossas experiências se passaram com as aulas e oficinas ministradas na turma do 6º Ano e na turma do 9º Ano. Metodologicamente, em nosso ato de planejar as aulas e a oficina temática, buscamos priorizar materiais que fossem ricos para a discussão e que pudessem abrir caminhos para o aprendizado escolar, a formação da consciência histórica e da cidadania.

Para isso, na turma do 6º Ano o cuidado com toda a preparação do material foi evidente, pois necessitam de algo mais lúdico, mais metodológico ao explicar e criatividade no ensino. Já na turma do 9º Ano, a busca por aprofundar a discussão e trazer um debate mais amplo e rico entre os alunos foi algo de extrema importância, uma vez que os alunos possuem um ritmo mais aguçado e um conhecimento prévio mais aprofundado sobre o tema referido.

Assim, como foco específico deste relato, a utilização da obra “O perigo de uma História Única” (2019) escrito pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, foi utilizada de várias formas nas aulas de história e nas oficinas temáticas ao longo do ano letivo escolar.





Os resultados obtidos após a sua utilização são positivos, pois são os efeitos da aprendizagem por meio da discussão das suas ideias alinhadas ao tema discutido em sala. No 6º ano, a obra foi utilizada de forma indireta buscando apenas a utilização das ideias da autora para aprofundar demais discussões. No 9º ano, a mesma obra foi utilizada na oficina temática do Abril Indígena como método para se discutir a história apagada dos povos originários.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino de história no contexto da educação básica, deve objetivar promover o rompimento com visões que sejam únicas e lineares a respeito da diversidade de povos, culturas e narrativas, dando espaço à pluralidade de vozes e experiências. Nesta seção, nos propomos a embasar as nossas experiências pedagógicas com as ideias e diálogos entre dois grandes pensadores da história do ensino. À priori, Chimamanda Ngozi Adichie, ao refletir sobre o ato de promover e permanecer idealizando narrativas, sua obra “O perigo de uma história única” (2019), alerta para os riscos de se contar apenas uma versão de uma determinada realidade, silenciando outras narrativas e outras histórias.

Essa análise crítica que a autora traz em sua escrita é essencial para a prática docente pois permite valorizar perspectivas próprias à exemplo das indígenas, femininas e também, populares, resultando na compreensão dos estudantes sobre os processos históricos e seus marcos historiográficos. Como afirma Adichie, “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias têm sido usadas para expropriar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (Adichie, 2019, p. 25). Incorporar essa visão no ensino de história, significa abrir espaço para múltiplas narrativas rompendo com a ideia de uma história única, tornando o espaço escolar um lugar de valorização da diversidade e da formação da consciência crítica e do aprendizado escolar histórico.

Ao mesmo modo, Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (2002), defende uma educação que seja crítica e sobretudo, dialógica, na qual o aluno não seja mero receptor de informações, mas sim o sujeito ativo do processo de aprendizagem individual no contexto escolar. Para o educador, o ato de ensinar é também descrito como um ato político que deve contribuir para uma nova leitura de mundo e transformação social cidadã, seja por meio do ensino de história ou por meio das mais variadas áreas temáticas do ensino.





Paulo Freire também defende o respeito aos saberes dos educandos, prática que deve estar presente na prática do professor:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (Freire, 2002, p.17)

Dessa maneira, a prática pedagógica promovida por programas no ensino superior como o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) nas escolas acolhidas busca o engajamento dos estudantes e estimula o desenvolvimento da criticidade e problematização dos fatos e acontecimentos sociais, bem como a autonomia e o processo de desenvolvimento da consciência crítica do alunado diante de contradições históricas na sociedade.

Por fim, esse relato de experiência encontra respaldos significativos nos pensamentos e ideias de Adichie (2019) e Freire (2002) ao minar o ensino estereotipado e propor um ensino que busca se afastar da repetição mecânica dos conteúdos e se aproxima de uma abordagem mais plural, crítica e transformadora no intelecto dos alunos, pois, como afirma Freire (2002), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2002, p.13). Assim, a prática docente e pedagógica em sala de aula se torna um espaço de construção coletiva do conhecimento, fortalecendo a identidade dos estudantes como sujeitos não apenas do seu presente, mas sujeitos históricos e pensantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência observada nas turmas do 6º e do 9º ano na escola ECIT Prefeito Williams de Sousa Arruda e EEEFM Murilo Braga, respectivamente, mostraram-se bastante significativas no processo do desenvolvimento formativo crítico dos estudantes, a partir da abordagem das reflexões inspirados na obra “O perigo de uma história única” (2019), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A proposta estimulou a desconstrução de narrativas únicas, com objetivo de valorizar as diferenças e pluralidade cultural, política e





social no espaço da escola, em que há essa necessidade de estimular nos alunos um olhar mais sensível sobre a realidade em que eles vivem, algo que deve ser constante na prática docente.

Importante destacar que, na turma do 6º ano da escola ECIT Prefeito Williams de Sousa Arruda, o livro de Adichie não foi utilizado de forma direta como um material didático, porém as ideias estavam intrínsecas na prática pedagógica desde o início da experiência do PIBID, já que a discussão do livro esteve presente nas atividades do PIBID com a coordenadora do subprojeto. A contribuição da obra esteve presente principalmente no planejamento das aulas e oficinas, ou seja, sempre na hora da construção do conteúdo em sala de aula, havia sempre a crítica às narrativas únicas, a partir da análise da importância da representatividade e valorização de diferentes histórias e culturas. Foi necessário adaptar a linguagem no nível dos estudantes, já que eles estão na faixa etária de 11 a 14 anos, no 6º ano.

Alguns exemplos para verificar essa utilização das ideias de Adichie foi na oficina sobre o Dia das Mulheres, em que o objetivo era destacar a importância e o legado de mulheres na história do país, utilizamos Elizabeth Teixeira, Margarida Maria Alves e Acotirene para ressaltar a relevância dessas figuras no Brasil, indo contra a narrativa tradicional de exaltar apenas os grandes heróis do sexo masculino. Nesse momento, os alunos se identificaram bastante com a trajetória dessas mulheres, pois muitos alunos vem da zona rural de Campina Grande. Essa atividade esteve alinhada aos ensinamentos da Adichie ao introduzir aos alunos sobre os direitos das mulheres. Além disso, ao destacar a história de Acotirene, também mostramos a importância do povo negro na história do Brasil, principalmente a partir do protagonismo feminino negro.

Outro momento foi no conteúdo sobre Tempo Histórico, em que utilizamos muitos exemplos do cotidiano dos alunos para explicar sobre tempo cronológico e tempo histórico. Além disso, também foi uma oportunidade para mostrar como alguns estereótipos presentes no ensino de História e no senso comum foram criados, como a ideia de que Idade Média é a "Idade das Trevas". Na verdade, demonstramos como isso foi produzido pelos iluministas no século XIX e como essa História influenciou as narrativas excludentes na História.

Além disso, produzimos uma oficina sobre os povos indígenas, ao perceber os estereótipos presentes em sala de aula. Para desconstruir essas visões produzidas pela História Única criticada por Adichie (2019) fizemos uma grande explanação sobre a diversidade cultural dos indígenas, sua presença na Paraíba, os diversos tipos de vestimentas, o que despertou mais curiosidade e interesses nos alunos foi porque levamos utensílios e objetivos





indígenas para eles verem de perto. Entre os itens havia chocalhos, arco e flecha e vasos tradicionais. Nesse momento também usamos da literatura indígena para trabalhar os mitos de criação do mundo com os alunos, para fazê-los entender que a história pode ter várias visões, e também construir neles essa ideia de respeito à pluralidade cultural.

Por último, entendendo que esse assunto deve ser debatido diretamente com o apoio e participação da causa indígena, levamos uma colega do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que é indígena, foi um momento de conversa, onde os alunos tiraram muitas dúvidas, e eles tiveram muito respeito com a convidada, que também levou objetos para compartilhar com a turma. Dessa forma, fica claro como os ensinamentos da obra de Adichie (2019) foram extremamente significativos e positivos para construir um ambiente escolar que os alunos reconhecessem e respeitassem as diferenças e também pudesse construir reflexões críticas, uma das preocupações era entender as ideias prévias dos alunos sobre os assuntos, principalmente seus saberes:

É necessário privilegiar, no ensino de História, os saberes produzidos pelos educandos, uma vez que integram vários espaços de convívio social, estabelecendo contextos de socialização, valores, hábitos, costumes e comportamentos na família, no bairro, no clube, na igreja, na escola, nas associações de moradores, sindicatos, partidos políticos e nos movimentos sociais. Nessas interações, as esperadas produções culturais e pedagógicas são tecidas. Assim, a produção do conhecimento histórico e crítico não pode ser baseada apenas em meras exposições de conteúdos, lições e exercícios de fixação. Conhecer implica muito mais do que essas atividades (Santos, 2011, p.6).

Por outro lado, na turma do 9º ano na instituição de ensino EEEFM Murilo Braga, localizada no bairro da Liberdade, em Campina Grande, na Paraíba, a obra foi utilizada como material didático diretamente em sala de aula, o que possibilitou um contato direto dos alunos com as ideias defendidas pela autora e debates mais completos sobre temas como os estereótipos presentes na sociedade, ajudando a promover as reflexões críticas sobre as narrativas únicas e plurais na sociedade.

Desse modo, diferente da realidade e capacidade de compreensão da turma do 6º ano, o 9º ano se mostra bem mais adiantado em compreender questões sociais e histórias únicas pois têm entre 13 à 16 anos, o que possibilita esse debate mais intenso entre a obra, o ensino de história e a aprendizagem escolar formativa para a cidadania, pois o aluno não apenas





aprende para obter conhecimento, mas também para não alienar-se ao sistema que oprime e apaga as histórias que não são contadas, que são substituídas e silenciadas por histórias únicas e estereotipadas.

A obra da escritora nigeriana foi utilizada nas aulas de história em diversos momentos na escola através das práticas e ações do PIBID, diretamente ou indiretamente. De modo direto, a obra foi ricamente debatida na realização de uma Oficina temática sobre o Abril Indígena, cujo propósito era não apenas conhecer a história dos povos originários no Brasil, mas todo o seu processo antigo e a atual de lutas pelos seus territórios e qualidade de vida na natureza e em seus espaços. Essa oficina temática buscava desenvolver nos alunos da turma uma consciência crítica e histórica a respeito das únicas histórias que são repetidas dentro da historiografia brasileira e colonial.

Para que a realização da oficina acontecesse de modo mais prático, ao fim da oficina, organizamos a turma inteira em círculo, discutimos a questão dos estereótipos, do preconceito e da repetição ou reprodução perigosa das histórias que não são verdadeiras ou que são incompletas, com o qual os alunos receberam uma folha impressa com várias frases do livro de Chimamanda para que pudéssemos ler coletivamente e trabalhá-las em nosso intelecto, pois como afirma Adichie, “A História única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne uma única história” (Adichie, 2019, p.26).

Não apenas isso, mas na mesma oficina priorizamos trabalhar a obra da autora juntamente com a obra de um escritor indígena, para que os alunos compreendessem melhor cada especificidade e conhecesse mais de perto a real história de vida dos povos originários contado por um indígena, Kaká Werá Jecupé, em seu escrito “*A terra dos mil povos: História Indígena no Brasil contada por um índio*”, de 2019. Com isso, realizar essa troca de conversa dos conhecimentos históricos acerca da história cultural dos povos nativos foi de suma importância para a conscientização nas aulas de história no ensino fundamental, com o qual estarão preparados para a criticidade de suas realidades e da história em suas temporalidades.

A desmistificação de ideias foi um processo muito bem recepcionado pela turma do 9º ano, uma vez que no processo de diálogo e debate, os alunos contaram suas próprias experiências acerca do tema discutido, inclusive, muito bem alinhado com a discussão teórica feita anteriormente a esse momento. Os alunos mostraram interesse em discutir as ideias claras de Adichie e conseguiram formalizar no intelecto a consciência crítica da realidade que





traz a temática indígena, tanto que explicavam entre eles mesmos a partir do próprio entendimento sobre a leitura feita das frases da obra.

Ao fim, recebemos muitos comentários como *“O que essa escritora fala é muito real, acontece em várias áreas da nossa vida”* e *“Eu já passei por situações que inventaram história única ao meu respeito e não me permitiram contar a minha própria história, fui silenciada”*. É justamente nesse fim, que percebemos o quão é necessário discutir o pensamento de Chimamanda nas aulas de história, com a intenção de conhecer narrativas históricas e próprias que conduzem a identidade do ser humano enquanto ser histórico.

Nessa perspectiva, trabalhando a obra de Adichie indiretamente, utilizamos suas ideias e pensamentos em muitas aulas ministradas desde o início da edição do ano letivo de 2025 do programa do PIBID nas escolas-campo, uma vez que a escritora traz um aparato muito rico em sua discussão, elaborando argumentos concretos e verídicos em relação a marginalização de diversos povos pela sua história apagada, que por muito tempo foi silenciada e agora, retorna em vida ao conhecimento pelas suas contribuições e pelas ações dos alunos do programa, e de tantos outros docentes que espalham as ideias da autora em suas aulas.

As diferenças nas metodologias utilizadas evidenciam as especificidades de cada turma, escola e contexto, pois a realidades sociais e culturais das duas turmas são diferentes, mesmo as escolas estando no mesmo município. É por isso que é papel do professor analisar e conhecer bem sua turma. Mas nas duas turmas o interesse era justamente ampliar a consciência crítica dos alunos, por isso, foram muito incentivados a conhecer novas histórias, e entender como essas histórias foram criadas a partir de uma ou várias narrativas. Segundo Paulo Freire (2002, p.27) *“Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las”*. Essa abordagem dialoga com Freire (2002) ao considerar os alunos também produtores de conhecimento e como sujeitos históricos. Além disso, o professor precisa se reconhecer como ser inacabado, que também está em um eterno processo de obtenção de conhecimentos:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo (Freire, 2002, p.28).





Dessa maneira, tanto a experiência no 6º ano quanto no 9º ano foi necessária para questionar os discursos hegemônicos na sociedade brasileira. Ao reconhecer as diferentes narrativas e histórias, os alunos conseguem desenvolver maior empatia. Essa experiência também demonstrou a importância do PIBID na formação dos docentes, pois ao mesmo tempo que os docentes ensinam aos alunos, eles também aprendem, e isso fica claro ao estarmos inseridos no contexto escolar, com desafios e trocas de saberes, permite principalmente colocar em prática o que vemos na teoria.

Por fim, a experiência mostrou que utilizar *O perigo de uma história única* (2019) de Adichie é muito positivo na construção docente e discentes, podendo ser adaptado para diferentes turmas. Dessa maneira, a educação se reafirma como um papel transformadora na sociedade, e o professor como uma ponte para os alunos e os saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, acreditamos que utilizar os ensinamentos da obra de Adichie ajudam a nortear a prática docente do professor nessa articulação entre Ensino de História e pluralidade cultural. É extremamente importante trabalhar esses conceitos em sala de aula, principalmente para ajudar a desconstruir os estereótipos que ainda estão presentes na sociedade brasileira. A obra *O perigo de uma história única* de Chimamanda Ngozi Adichie (2019) se manifesta como uma verdadeira orientação para a prática pedagógica, seja de forma direta, no caso da turma do 9º ano, seja de forma permanente e transversal, no caso da turma do 6º, pois acreditamos que essa aprendizagem advinda da obra pode atravessar a prática mesmo sem a utilização literal do material.

Ao considerar fatores como a realidade política, social, cultural e até mesmo fatores como idade, há uma preocupação com a aprendizagem, pois ela deve ser enganadora. A participação no PIBID se mostra cada dia mais positiva, pois as reflexões conseguem sair da prática, e os docentes bolsistas conseguem construir, na sala de aula um ambiente de diálogo com os alunos, pensando na construção da cidadania. Essa experiência se tornou extremamente significativa, pois trabalhar essas pluralidades de ideias e narrativas contribui para a formação de sujeitos capazes de reconhecer a diversidade cultural presente na nossa realidade local e nacional, e é de urgência na nossa educação a construção de uma cidadania ativa e consciente para que os alunos reconheçam a importância de suas lutas.





REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. A educação do campo e o ensino de História: possibilidades de formação. **PerCursos**, v. 12, n. 1, p. 183-191 183-196, 2011.

